

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL
MESTRADO EM ENGENHARIA AMBIENTAL MODALIDADE PROFISSIONAL

PROVA DE REDAÇÃO

TEXTO I

Unidade territorial: Sudeste | Unidade: percentual

Período	Taxa de urbanização
1940	39,42
1950	47,55
1960	57
1970	72,68
1980	82,81
1991	88,02
2000	90,52
2007	92,03

Fonte: IBGE, Censo demográfico 1940-2007. Até 1970 dados extraídos de: Estatísticas do século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil, 1981, vol. 42, 1979.

Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP122>>.

Acesso em: 23 maio 2012

TEXTO II

Rede urbana é polarizada por grandes metrópoles

A urbanização é um processo que concentra cada vez mais contingentes populacionais em espaços restritos. No Brasil, a amplitude deste processo alcança mais de 80,0% da população. A urbanização brasileira cresceu desigual, abrangendo poucas cidades que concentram população e riqueza e multiplicando pequenos centros urbanos que abrigam uma força de trabalho pouco qualificada e fortemente vinculada às atividades primárias.

As aglomerações urbanas e as 49 cidades com mais de 350 mil habitantes abrigam 50,0% das pessoas em situação urbana no país e detêm, aproximadamente, 65,0% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. No outro extremo, estão 4.295 municípios com menos de 25 mil habitantes, que respondem por 12,9% do PIB.

Na evolução da rede urbana brasileira, observa-se a predominância de doze centros que reforçam sua atuação e se mantêm como as principais cabeças de rede do sistema urbano brasileiro entre 1966 e 2007. No topo, além de São Paulo, figuram Rio de Janeiro e Brasília. O quadro é completado com Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Goiânia. As metrópoles são os pontos preferenciais de convergência das mais modernas redes, em especial as de comunicações (transporte, energia e telefonia) e informacionais. Possuem grande concentração populacional e amplas áreas de influência, drenando a produção de suas regiões e apresentando fortes relacionamentos entre si.

Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1784&id_pagina=1>.

TEXTO III

Quanto mais gente, melhor

Um dos grandes estudiosos das cidades diz que as aglomerações criam as condições para a sociedade evoluir e que é nelas, e não no campo, que está a chave para a prosperidade

Com a experiência de quem já visitou e estudou quase todas as grandes metrópoles do mundo, entre elas São Paulo, o economista americano Edward Glaeser, 44 anos, se baseia em cálculos e estatísticas para provar que o mais desejável para o ser humano é viver nas cidades.

“Sem elas, a evolução humana jamais teria sido possível. E é também nelas que está o futuro da nossa espécie”, afirma. Professor da Universidade Harvard, onde dirige um centro de pesquisas e assessoria em políticas públicas, Glaeser é autor do bestseller *Os Centros Urbanos: a Maior Invenção da Humanidade*, em que demole a visão idílica do campo e aponta os benefícios da vida nas grandes concentrações de gente das metrópoles.

Glaeser participa nesta semana como palestrante do Arq.Futuro, o concorrido encontro dos maiores arquitetos do mundo realizado no Rio de Janeiro.

Como o senhor rebate a turma que o considera um idealista do indefensável, a qualidade de vida nas grandes cidades?

Ao contrário desses que se deixam levar por uma visão romanceada da vida longe das zonas urbanas, eu prefiro olhar os números. Eles mostram claramente que, sob diversos aspectos essenciais para a existência humana, não há lugar melhor para viver do que em uma grande cidade.

Pois é justamente em ambientes de enormes aglomerações que os mais variados talentos podem conviver e aprender entre si, potencializando ao máximo sua capacidade criativa e inovadora. Aumentam assim, exponencialmente, as chances de ascender, ganhar mais e ter acesso ao que há de mais avançado. No passado, cidades como Nova York, Londres e Tóquio viviam de suas fábricas e de seu comércio. Hoje, são principalmente impulsionadas pelas ideias concebidas por seus milhões de habitantes.

Jovens empreendedores de toda parte não querem fincar seus escritórios no campo ou em uma cidade bucólica, mas no Vale do Silício, para esbarrar com executivos do Google e se beneficiar da intensa rede de contatos que brotará daí. Nos formigueiros humanos é que está a riqueza. (...)

TEXTO IV

Urbanização desordenada

É verdade que a urbanização provocou algumas transformações que podem ser apontadas como avanços. Elas são típicas, de fato, dos processos de urbanização em diferentes regiões do planeta. A taxa de mortalidade tende a diminuir e a esperança de vida tende a crescer pela maior proximidade dos serviços de saúde. Mas apesar de esse aumento ser obviamente desejável, em termos de direitos humanos, existe aí um aspecto trágico e quase irônico. A esperança de vida média no Brasil, que era de 51,40 anos em 1970, subiu para 67,58 anos em 1996. As pessoas vivem por mais tempo para, em grande parte, sofrer as agruras de uma sociedade injusta e uma vida sem qualidade, submetidas a pressões e violências de todo tipo. Defendemos que políticas para viver mais não devem estar divorciadas de políticas para viver melhor.

A condição de pobreza e a degradação do espaço vivido, especialmente intensas nas grandes cidades, fazem com que o estado de saúde da população seja muito grave. Nas palavras da Frente Nacional de Saneamento, “segundo a Organização Mundial de Saúde, a falta de saneamento ambiental é causa de 80% das doenças e de 65% das internações hospitalares, implicando gastos de US\$ 2,5 bilhões em atendimento médico. Estima-se que a ampliação de 1% da cobertura sanitária da população que recebe de um a cinco salários mínimos reduziria em 6,1% as mortes de infância. Em cada R\$ 1,00 investido em saneamento se economizaria R\$ 5,00 em serviços de saúde” (FNSA,2000, citado por Grazia, 2001).

LEROY, Jean-Pierre et al. *Tudo ao mesmo tempo agora: desenvolvimento, sustentabilidade, democracia: o que isso tem a ver com você?*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEXTO V

Transformações socioespaciais

Apesar dos benefícios econômicos e financeiros trazidos com a indústria petrolífera e parapetrolífera, Macaé foi obrigada a enfrentar problemas relacionados à forte pressão sobre a infraestrutura urbana. Entre os principais desafios enfrentados, pode-se citar a inexistência, até aquele momento, de projetos voltados para moradias populares, o caos gerado no sistema viário, o atendimento precário nas áreas de saúde, saneamento, educação e o agravamento dos índices de poluição.

Como destaca Baruqui (2004), esse acelerado crescimento de Macaé impôs forte pressão sobre a infraestrutura urbana e levou à ocupação de áreas ambientalmente sensíveis, ocasionando com isto problemas de degradação ambiental:

Este acelerado processo de crescimento urbano modificou a paisagem costeira de Macaé, com perda de áreas significativas de restingas que na atualidade encontram-se descaracterizadas, em decorrência da especulação imobiliária, que, além disto, criou vários vazios urbanos e elevou o preço da terra. Em decorrência, terrenos menos valorizados como as áreas de manguezais e os terrenos inundáveis estão sendo ocupados pela população de baixa renda. (BARUQUI, 2004, p.22)

Somente a partir da flexibilização do monopólio da Petrobras, em 1997, e com a entrada de capitais estrangeiros na exploração e produção de petróleo é que Macaé sofre o “boom” imobiliário e os vazios urbanos existentes passam a ser ocupados. O padrão de construção residencial, até então restrito a casas, passa a ser alterado com a construção de prédios.

Segundo Baruqui (2004), até o final dos anos 70 os limites da área urbana estavam contidos no entorno do chamado “Centro Histórico”. A partir daí, obedeceu a três vetores de expansão a partir deste centro histórico, dois deles acompanhando o litoral, em sentidos opostos, norte e sul, e um terceiro para o interior. (...)

Não tendo mais como se expandir na costa litorânea, está ocorrendo uma interiorização da expansão, surgindo vários vetores perpendiculares à orla, em direção ao interior.

TERRA, Denise; RESSIGUIER, José Henrique. *Mudanças no espaço urbano de Macaé: 1970-2010*. In: OFICINA SOBRE IMPACTOS SOCIAIS, AMBIENTAIS E URBANOS DAS ATIVIDADES PETROLÍFERAS - O CASO DE MACAÉ (RJ), 2010, Niterói: LACTA/UFF. Cap 2-2, p. 157-159.
Disponível em: <www.uff.br/macaecapitulo/OFICINAMACAE/pdf/22_DeniseTerra.pdf>.

Acesso em: 18 maio 2012.

TEXTO VI

A rua diferente

Na minha rua estão cortando árvores
Botando trilhos
Construindo casas.

Minha rua acordou mudada.
Os vizinhos não se conformam.
Eles não sabem que a vida
tem dessas exigências brutas.

Só minha filha goza o espetáculo
e se diverte com os andaimes,
a luz da solda autógena
e o cimento escorrendo nas formas.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Proposta de abordagem: Elabore um texto **DISSERTATIVO**, de no **máximo 40 linhas**, no qual você estabeleça uma discussão, do ponto de vista da **Engenharia Ambiental**, acerca do tema abordado nos textos e informações apresentados. Dê um título ao seu trabalho.

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL
MESTRADO EM ENGENHARIA AMBIENTAL MODALIDADE PROFISSIONAL

PROCESSO SELETIVO PARA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* - 2012
PROVA DE REDAÇÃO

Nº DA INSCRIÇÃO DO CANDIDATO:

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	

37	
38	
39	
40	